



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



Tema:

- Educação ambiental e plantas medicinais;
- Etnobotânica e plantas medicinais;
- Desenvolvimento de medicamentos fitoterápicos;
- Conservação da biodiversidade e plantas medicinais;
- Plantas medicinais na Atenção Básica ;
- Plantas bioativas de interesse para o manejo sanitário de agroecossistemas;
- Produção e comercialização de plantas bioativas;
- Controle biológico;
- Outro. Qual? Popularização do uso de Plantas Bioativas

POPULARIZAÇÃO DO USO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS: SENSIBILIZANDO PRODUTORES E CONSUMIDORES EM ESCALA LOCAL

Jaqueline Durigon¹; Carlos A. Seifert Jr.²; Andreisa Damo³; Camila Valente⁴

¹Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Biológicas, São Lourenço do Sul, RS,
jaquinedurigon@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências da Humanas,
junior.furg@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Biológicas, andrea.damo@furg.br

⁴Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Biológicas, kmilavalente@yahoo.com.br

Resumo: Apesar da crescente busca por alimentos mais saudáveis, livres de agrotóxicos, o cardápio do brasileiro ainda é bastante monótono, seja pela baixa oferta de alimentos diversificados ou a pouca iniciativa em buscar essa diversificação. Nesse sentido, as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) têm grande potencial como fonte alimentar e nutricional, porém, a pouca familiaridade tanto de produtores como de consumidores com estas plantas acaba limitando a distribuição destas plantas e gera desconfiança no seu consumo. Em vista disso, o presente trabalho objetiva retratar algumas ações que vem sendo desenvolvidas no sentido de popularizar o uso das PANC em escala local, via projeto de extensão em andamento. As primeiras ações do projeto foram pensadas buscando a sensibilização de produtores e consumidores no município de São Lourenço do Sul-RS, utilizando como metodologia o levantamento prévio e a caracterização das PANC locais disponíveis no verão e outono, para sua posterior divulgação através oficinas, tanto junto aos produtores locais, visando incrementar sua renda e diversificar a oferta de alimentos, quanto entre consumidores, por meio de atividades práticas que incluíram preparo e degustação de PANC. Os resultados mais imediatos observados a partir das ações entre produtores incluem a diversificação dos alimentos, caracterizado pela oferta de PANC nas feiras agroecológicas locais, e, entre os consumidores, os relatos que indicam o aumento na procura por estes alimentos nas feiras locais, e o interesse demonstrado pelo assunto durante as oficinas realizadas. Desse modo, houve um alcance positivo nas ações empreendidas até o momento, sinalizando a importância da ampliação das iniciativas que estimulem produtores e consumidores a reconhecerem as PANC como alimentos, com vistas a fortalecer sua produção e consumo e, assim, contribuindo para a segurança e soberania alimentar e para a qualidade de vida da população.

Palavras-chave: PANC; agroecologia; alimentação; consumo responsável; soberania alimentar



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



Introdução

Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) é o termo contemporâneo utilizado para caracterizar as plantas, ou partes de plantas, que não têm seu uso alimentício como componente do senso comum. De modo geral, quando se cita uma PANC, é necessário o provimento de informações mais detalhadas para que o interlocutor possa (re)conhecer de que planta se está tratando (KINUPP; LORENZI, 2014).

Apesar do termo PANC ser recente, os usos alimentícios (ou medicinais) de grande parte das espécies consideradas PANC não o são. Registram-se inúmeros empregos de plantas, hoje consideradas não convencionais, na alimentação de populações tradicionais e originárias, além de relatos de uso por membros mais idosos de comunidades, nas quais o uso e manejo de recursos naturais era (e em alguns casos continua sendo) a base do sustento para agricultoras(es), pescadoras(es) e extrativistas. Projetos de pesquisa e extensão têm sinalizado para o resgate do uso destas espécies, revelando, paralelamente, novos potenciais alimentícios na biodiversidade brasileira e mundial (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011). Tal uso pode resultar em um amplo e variado cardápio, incluindo plantas com diferentes propriedades nutricionais, origens geográficas, tolerâncias ambientais e ciclos de produção. Sendo assim, o estímulo ao uso das PANC também assume um importante papel concernente à segurança e à soberania alimentar nas próximas décadas (KINUPP; LORENZI, 2014).

Com a publicação do termo e respectivas informações botânicas, formas de utilização e receitas com um número significativo de espécies (KINUPP; LORENZI, 2014), as PANC ganharam espaço para além do universo acadêmico e das populações tradicionais. Elas têm aparecido de forma recorrente nas mídias de grande alcance, conquistado consumidores, incentivado produtores a comercializá-las e restaurantes de alta gastronomia a inseri-las em seu cardápio (ERICE, 2011; MACEDO, 2017). Apesar disso, a diversificação alimentar possibilitada pelas PANC ainda avança lentamente diante do imperialismo gastronômico-alimentar da indústria alimentícia hoje globalizada (ESTEVE, 2017). O número reduzido de espécies que estão na base do sistema alimentar hegemônico, acrescido ao monopólio de poucas empresas no controle da produção, da comercialização e das sementes têm gerado insegurança alimentar e provocado a expropriação dos saberes locais e regionais de onde



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



derivam as PANC (ESTEVE, 2017). Para citar um exemplo, o jambu, planta amazônica, apresenta mais de 433 solicitações de patentes, das quais o Japão detém 32%¹.

A globalização dos sistemas agroalimentares, que vem ganhando força no decorrer das últimas décadas, tem provocado uma rápida e drástica redução da sociobiodiversidade. Há apenas 150 anos, a alimentação da humanidade era baseada em cerca de três mil espécies vegetais, sendo 90% delas produzidas em seus países de origem, enquanto que, em 2003, somente 15 espécies correspondiam a 90% dos alimentos vegetais (ESTEVE, 2017). A rápida homogeneização na produção pode ser percebida na monotonia dos pratos: a mesa do brasileiro, de Norte a Sul utiliza uma base semelhante de alimentos principais, o que não reflete a diversidade biológica do país, considerada a maior do mundo em termos de espécies vegetais. Das cerca de 30.000 espécies de plantas conhecidas no Brasil, acredita-se que, pelo menos, 10% possuam partes comestíveis (KINUPP; LORENZI, 2014).

Grande parte das espécies vegetais cultivadas e encontradas nos supermercados e feiras do Brasil, além de pouco diversas, não são nativas, mas originárias predominantemente do continente asiático ou europeu (RAPOPORT et al., 1998; KINUPP; LORENZI, 2014). Em outras palavras, dentre as hortaliças comercializadas, não estão incluídas sequer uma fração das cerca de 3000 espécies nativas com potencial alimentício. Um cenário ainda mais prejudicial revela que mesmo o cultivo e o consumo de espécies vegetais exóticas, especialmente hortaliças frescas, vêm diminuindo em diversas regiões do país, tanto em áreas urbanas como rurais, o que está relacionado ao crescente consumo de alimentos industrializados ultraprocessados, em detrimento daqueles regionais e locais (MAPA, 2013).

Nesse contexto, para que a biodiversidade, seja ela de origem local (nativa) ou de produção ou crescimento local (exóticas ou naturalizadas), possa enriquecer a produção e o consumo cotidianos, fazendo com que as PANC deixem de ser exclusividade de restaurantes de alto padrão, há muitos desafios postos. Dentre aqueles possíveis de serem enfrentados prontamente estão as ações em escala local, como o resgate e/ou popularização sobre o uso alimentício das PANC entre produtores e consumidores. Isso porque, tanto a falta de oferta de PANC pelos produtores como a falta de confiança no consumo por parte daqueles que estão habituados aos alimentos ofertados nos mercados e feiras convencionais, podem estar

¹ Notícia disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2018/06/20/a-planta-amazonica-jambu-tem-433-patentes-espalhadas-pelo-mundo/> Acesso em: 26 jun. 2018.



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



associados ao baixo contato e, conseqüente, a pouca familiaridade de ambos às PANC, especialmente as nativas (KINUPP; BARROS, 2004; BRACK; KINUPP; SOBRAL, 2007).

Na medida em que produtores e consumidores passam a (re)conhecer as espécies e a tomar conhecimento de suas propriedades bioativas e formas de preparo, as PANC potencializam uma relação de reciprocidade em que, tanto o consumidor provoca o produtor a comercializá-las, quanto o produtor se vê estimulado a oferecer novas opções ao consumidor. Em vista do exposto, o presente trabalho tem por objetivo retratar algumas ações que vêm sendo desenvolvidas com vistas a popularizar o uso das PANC em escala local, estimulando produtores e consumidores a reconhecerem as PANC como alimentos, o que, além de fortalecer sua produção e consumo, contribui para a segurança e soberania alimentar e para a qualidade de vida da população.

Material e Métodos

As primeiras ações do projeto de extensão ora retratado foram planejadas considerando o contexto do município de São Lourenço do Sul, o qual, juntamente com outros municípios da Encosta da Serra do Sudeste e da Planície Costeira, tem sua economia baseada na agricultura familiar, com diversas experiências em sistemas orgânicos de produção (REICHERT et al., 2013). Em vista disso, no início de 2018, realizou-se uma busca na literatura pertinente pelas espécies PANC com distribuição na área de estudo e que estariam disponíveis para coleta e consumo nas estações de verão e outono. A partir desse levantamento, realizou-se saídas de campo na área urbana e rural do município, bem como visitas às feiras orgânicas locais, para observação, identificação botânica e mapeamento dos locais de obtenção e oferta das PANC.

Da lista inicial de PANC com ocorrência local, foram selecionadas aquelas plantas que eram de fácil reconhecimento, fácil acesso (disponíveis na feira ou com possibilidade de serem disponibilizadas pelos produtores mediante demanda) e as que poderiam ser obtidas em abundância, para a realização de atividades práticas de preparo de alimentos que fariam parte das oficinas de sensibilização. Tanto para estas plantas selecionadas quanto para as demais PANC mapeadas na região, foram pesquisados aspectos botânicos (nome científico, família,



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



origem), propriedades nutricionais e formas de preparo e consumo, de modo a compor uma pequena caracterização de cada espécie.

Paralelamente ao planejamento das oficinas, foram mapeados os espaços de organização coletiva institucionalizados no município que pautam questões agroecológicas, de modo a utilizar as redes já instituídas e a incluir as particularidades de cada público, dando maior capilaridade às ações, e ao mesmo tempo respeitando as especificidades dos coletivos. O planejamento geral das oficinas incluiu entre as temáticas principais: noções de coleta e identificação, exposição de exemplares frescos com informações sobre as principais formas de uso e propriedades nutricionais, atividades práticas de preparação de pratos e degustação de PANC locais. Buscou-se adequar a metodologia e a duração das oficinas ao público alvo e à dinâmica dos espaços de operacionalização. O projeto também visou a produção de materiais para divulgação das PANC, contendo as receitas a serem preparadas nas oficinas.

Resultados

Dentre as espécies de PANC levantadas, com ocorrência no período do verão e outono em São Lourenço do Sul, 15 plantas de crescimento comum e fácil identificação, acompanhadas de breves descrições junto às amostras frescas integraram uma exposição informativa sobre as PANC locais. As atividades práticas de preparação de receitas com a participação do público incluíram três espécies, com as quais era possível realizar os procedimentos necessários para o consumo no tempo e local disponível para as oficinas. São elas: *Musa paradisiaca* L. (bananeira), *Portulaca oleracea* L. (beldroega) e *Schinus terebinthifolia* Raddi (pimenta-rosa). Em relação às plantas que não exigiam nenhum preparo ou, por outro lado, que exigiam um tempo maior de preparação, selecionou-se oito espécies, para as quais se realizou apenas a degustação, in natura e de pratos previamente preparados, respectivamente.

Até o momento, foram realizadas cinco oficinas com o objetivo de sensibilizar produtores e consumidores, em São Lourenço do Sul: três direcionadas aos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e aos coletivos instituídos na mesma e duas contemplando produtores e consumidores da feira orgânica municipal. Destas últimas, uma



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



foi realizada no local e horário da feira e a segunda na área rural, na propriedade de um dos feirantes.

As primeiras impressões obtidas a partir das ações desenvolvidas apontam para um grande interesse pela temática das PANC, tanto entre produtores quanto consumidores, nos diferentes espaços onde se deram as oficinas. Cumpre destacar que, pelos relatos obtidos durante as atividades, esse interesse é despertado principalmente pela curiosidade e pela busca de uma alimentação saudável. Nesse sentido, a partir da reação do público, verificou-se que o interesse se amplificou e surgiram mais questionamentos a partir do preparo dos alimentos, seja ao observar ou participar do mesmo.

Discussão

As ações de sensibilização de produtores e consumidores desenvolvidas representam a etapa inicial do processo de popularização das PANC em escala local que se pretende conduzir, iniciando pelo município de São Lourenço do Sul. Apesar da importante constatação de que existe o interesse dos diferentes públicos pela temática das PANC, para que o uso das mesmas se transforme em hábito através de sua inclusão na alimentação cotidiana, são muitas as barreiras a serem superadas.

Uma das resistências às PANC reside na relação sociocultural entre o alimento e o ser humano, tendo em vista que, para este, a comida não supre apenas necessidades biológicas, mas influencia e é influenciada de forma relevante pelas relações sociais (GARCIA, 1994). Assim, a alimentação é um fenômeno social-histórico e sua totalidade inclui aspectos econômicos e políticos, questões étnicas e religiosas, regionais e de gênero e está também fortemente relacionada com as questões ambientais (DAMO, 2016). Nesse sentido, destaca-se entre as impressões sobre as PANC, aquelas que remetem às ervas daninhas como indesejáveis e sem função nos locais onde crescem (e muitas espécies são de fato espontâneas e invasoras de culturas tradicionais), o que as acaba distanciando de sua percepção como alimento. Paralelamente, muitas espécies carregam em seus nomes populares menções preconceituosas, incluindo nomenclaturas racistas, que contribuem para a sua rejeição. O simples uso de um nome popular menos pejorativo, já parece fazer a diferença no interesse do consumidor pelo consumo de uma PANC (KINUPP, comunicação pessoal).



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



Apesar do interesse em conhecer as PANC e experimentá-las, tanto os consumidores quanto os produtores que as comercializam demonstram insegurança no consumo e desinteresse pelo preparo no cotidiano, o que pode estar relacionado com o processo cada vez mais acentuado de distanciamento entre seres humanos e a natureza, mesmo na área rural, e, cumulativamente, à padronização de hábitos alimentares. A alimentação reflete a forma como nos organizamos socialmente e como vimos nos relacionando com o ambiente. Segundo Santos (2005), a alimentação sofreu os efeitos das transformações impressas pela urbanização e pela globalização, o que se reflete na qualidade dos alimentos e a escolha dos mesmos.

Outro ponto a ser destacado é que, mesmo em um município onde campo e cidade estão vinculados a uma dinâmica rural, com economia essencialmente agrícola, as pessoas desconhecem os recursos alimentícios do seu entorno. O chamado “analfabetismo botânico” (KINUPP; LORENZI, 2014) tem implicações econômicas, sociais e culturais, considerando que o (re)conhecimento das PANC poderia fornecer aos produtores a possibilidade de complementar sua renda, além de levar diversidade nutricional aos consumidores e valorização cultural dos alimentos locais.

Os desafios expostos para a popularização das PANC, intrínsecos à dinâmica sociocultural, aliados à hegemonia da atual indústria de alimentos atentam para a perspectiva de que a inclusão das PANC no cardápio diário das pessoas é um objetivo a ser alcançado em longo prazo. Por outro lado, sua adoção como complemento nutricional e de renda para consumidores e produtores pode constituir um cenário possível em curto prazo. Apenas em seis meses de atividades do projeto, já se têm percebido resultados imediatos, derivados das oficinas, como a comercialização nas feiras do município de São Lourenço do Sul de PANC como: coração-de-bananeira, beldroega, folhas de beterraba e cenoura, picão-branco, os quais não eram ofertados anteriormente. Além disso, a busca por informações sobre PANC junto à Universidade e aos produtores tem aumentado, assim como a demanda pelas oficinas.

Conclusões ou Considerações Finais

Para que as PANC de fato ocupem um espaço na vida de consumidores e produtores locais, para além da sensibilização inicial pretendida com este projeto de extensão, são necessárias ações que estimulem o uso de PANC de forma mais ampla, através de políticas



12ª Reunião Técnica Estadual sobre Plantas Bioativas

26 a 28 de julho de 2018
Univates - Lajeado



públicas em diferentes esferas, voltadas à produção, consumo e recursos à pesquisa e extensão na temática. Em consonância, integrar escolas, produtores orgânicos, agroecológicos e Universidade, em uma rede de cooperação que diversifique a merenda escolar, incluindo algumas espécies de PANC, seria um avanço muito significativo na afirmação destas plantas como alimentos e traria maior respaldo para sua popularização.

Agradecimentos

Ao Movimento Ambientalista Verde Novo pela parceria na realização de algumas das oficinas, aos estudantes e professores da FURG, Campus São Lourenço do Sul e aos produtores orgânicos do município que enfrentam todos os dias o sistema hegemônico de produção, oferecendo saúde e esperança.

Referências

- BRACK, P; KINUPP, V. F.; SOBRAL, M. E. G. Levantamento preliminar de espécies frutíferas de árvores e arbustos nativos com uso atual ou potencial do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 2, n. 1, p. 1769-1772, fev. 2007. Disponível em: <<http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/download/6655/4960/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- CORADIN, L; SIMINSKI, A; REIS, A. *Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro - Região Sul*. Brasília: MMA, 2011. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- DAMO, A. Para além da comida-mercadoria: contradições da realidade e da consciência à luz da educação ambiental crítico-transformadora. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.392 f.
- ERICE, A.S. Cultivo e Comercialização de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) em Porto Alegre, RS. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/> Acesso em: 06 abr. 2018.
- ESTEVE, E.V. O Negócio da Comida: quem controla nossa alimentação? São Paulo: Expressão Popular, 2017, 269p.
- GARCIA, R. W. D. Representações sociais da comida no meio urbano: algumas considerações para o estudo dos aspectos simbólicos da alimentação. *Revista Cadernos de Debate – Núcleo de estudos e pesquisas em alimentação da UNICAMP*, v. 2, p. 12-40, 1994. Disponível em: <http://ecos-redenutri.bvs.br/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- KINUPP, V. F; BARROS, I. B I. Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alternativas no Brasil. *Horticultura brasileira*, v. 22, n. 2, 4p, jul.2004. Disponível em: <<https://www.vassourasurbanas.com.br/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- KINUPP, V. F; LORENZI, H. *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.768p.
- MACEDO, A. PANC – Plantas Alimentícias Não Convencionais. *Hortaliças em Revista*, n.22, p. 6-10, mai/ago. 2017.
- MAPA. *Manual de Hortaliças Não Convencionais*. Ministério da Agricultura e Abastecimento, Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Brasília, 2013.
- RAPOPORT, E. H. et al. Malezas comestíveis - Hay Yuyos y Yuyuos...*Ciencia Hoy*, v. 9, n. 49, p. 30-43, nov./dez. 1998. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- REICHERT, L. J. et al. Avaliação de sistemas de produção de batata orgânica na região Sul do Rio Grande do Sul. *Horticultura Brasileira*, v. 31, n. 2, p. 220-230, jun. 2013.
- SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates*, Curitiba: Editora UFPR, n. 42, p. 11-31, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.